






## ARTIGO ORIGINAL

### CONHECIMENTO DE ESCOLARES SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS

### KNOWLEDGE OF SCHOOLS ABOUT SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS AND CONCEPTUAL METHODS

### CONOCIMIENTO DE LOS ESTUDIANTES SOBRE INFECCIONES DE TRANSMISIÓN SEXUAL Y LOS MÉTODOS ANTICONCEPTIVOS

Marcela Estevão Brasil<sup>1</sup>, Fabrício Bruno Cardoso<sup>2</sup>, Lauanna Malafaia da Silva<sup>3</sup>

#### RESUMO


**Objetivo:** avaliar o nível de conhecimento de escolares sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos. **Método:** trata-se de um estudo qualitativo, tipo pesquisa-ação, com 153 escolares na faixa etária dos 11 aos 16 anos, de ambos os sexos, que responderam a um questionário, em seguida, empregou-se a análise estatística simples dos dados. **Resultados:** revela-se que 94,1% dos discentes disseram saber, pelo menos, uma maneira de prevenir-se de uma gravidez, sendo a camisinha masculina conhecida por 86,9% dos entrevistados e a “pílula do dia seguinte”, por 80,4%. Pontua-se, sobre o que são as infecções sexualmente transmissíveis, que 15,7% não souberam responder; 22,9% afirmaram não conhecer nenhum meio de prevenção; 61,4% não souberam relatar nenhum possível sintoma; 24,2% declararam desconhecer os agravamentos se não tratados e 41,9% dos entrevistados disseram achar possível estar contaminados com alguma, sem ter o conhecimento desse fato. **Conclusão:** percebe-se a precariedade das informações que escolares possuem sobre a temática da sexualidade. Aponta-se, assim, a necessidade de conscientizá-los sobre os riscos a que estão expostos ao assumir uma prática sexual precoce sem um preparo adequado. **Descritores:** Prevenção de Doenças; Educação em Saúde; Adolescente; Doenças Sexualmente Transmissíveis; Enfermagem; Autocuidado.



#### ABSTRACT

**Objective:** to assess students' level of knowledge about sexually transmitted infections and contraceptive methods. **Method:** this is a qualitative, action research study, with 153 schoolchildren aged 11 to 16 years, of both sexes, who answered a questionnaire, and then the simple statistical analysis of the data was used. **Results:** it appears that 94.1% of students said they know at least one way to prevent pregnancy, with male condom known by 86.9% of respondents and the "morning after pill" by 80.4%. Regarding sexually transmitted infections, 15.7% could not answer; 22.9% said they did not know any means of prevention; 61.4% could not report any possible symptoms; 24.2% said they were unaware of the aggravations if left untreated and 41.9% of respondents said they thought it was possible to be contaminated with some without being aware of this fact. **Conclusion:** the precariousness of the information that students have about the theme of sexuality is perceived. Thus, there is a need to make them aware of the risks they face when engaging in early sexual practice without proper preparation. **Descriptors:** Disease Prevention; Health Education; Adolescent; Sexually Transmitted Diseases; Nursing; Self Care.

#### RESUMEN

**Objetivo:** evaluar el nivel de conocimiento de los estudiantes sobre las Infecciones de Transmisión Sexual y los métodos anticonceptivos. **Método:** este es un estudio de investigación de acción cualitativo, con 153 escolares de 11 a 16 años, de ambos sexos, que respondieron un cuestionario, y luego se utilizó el análisis estadístico simple de los datos. **Resultados:** se informó que el 94.1% de los estudiantes dijeron que conocen al menos una forma de prevenir el embarazo, siendo el condón masculino conocido por el 86.9% de los encuestados y la "píldora del día siguiente" 80,4%. Con respecto a las infecciones de transmisión sexual, el 15,7% no pudo responder; el 22,9% dijo que no conocía ningún medio de prevención; 61,4% no pudo reportar ningún síntoma posible; el 24,2% dijo que no estaba al tanto de las molestias si no se trataba y el 41,9% de los encuestados dijo que pensaba que era posible contaminarse con algunos sin ser conscientes de este hecho. **Conclusión:** se nota la precariedad de la información que los estudiantes tienen sobre el tema de la sexualidad. Por lo tanto, se señala la necesidad de hacerlos conscientes de los riesgos a los que están expuestos cuando toman una práctica sexual precoz sin una preparación adecuada. **Descriptor:** Prevención de Enfermedades; Educación en Salud; Adolescente; Enfermedades de Transmisión Sexual; Enfermería; Autocuidado.

<sup>1</sup>Faculdade Ciências, Educação, Saúde, Pesquisa e Gestão/CENSUPEG. São Fidélis (RJ), Brasil. <sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0003-4503-5875>

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. <sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0002-0279-6079> <sup>3</sup>Universidade Federal Fluminense/UFF. Niterói (RJ), Brasil. <sup>3</sup> <https://orcid.org/0000-0001-8904-5245>

#### Como citar este artigo

Brasil ME, Cardoso FB, Silva LM. Conhecimento de escolares sobre infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. Rev enferm UFPE on line. 2019;13:e242261 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.242261>

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que a adolescência é um momento natural do desenvolvimento do ser humano, porém, não é uma fase fácil de ser atravessada. Entende-se que, nesse período de transição da infância para a vida adulta, surgem muitas mudanças fisiológicas e também psicossociais. Transforma-se o corpo inteiro, dentro e fora, e o jovem percebe essas mudanças, nota uma evolução da sua sexualidade e, com todos os hormônios à flor da pele, surgem desejos que antes eram desconhecidos.<sup>1-11</sup>

Pode-se observar que, no turbilhão de descobertas do próprio corpo e do mundo à sua volta, o adolescente passa por incertezas e inseguranças diariamente e precisa transpor o autoconhecimento para defender sua própria identidade e se impor ante a sociedade em que está inserido. Acrescenta-se que, enquanto o jovem perpassa essa etapa, fica extremamente vulnerável e, sem muito esforço, sofre muitas influências, a começar da mídia - sedutora e irresistível nas novelas, nos filmes, nos cliques, na publicidade - e principalmente das amizades. Percebe-se que a tendência é que tente uma reprodução comportamental do seu círculo de amigos. Alerta-se que, sem possuir conhecimento dos conceitos de Educação em Saúde, o adolescente vai somente copiar, certamente, sem nenhuma preparação pessoal, os mesmos passos de seus amigos que já começaram suas atividades sexuais e, desprotegido durante o sexo, sua vulnerabilidade aumenta.

Inicia-se a vida sexual cada vez mais cedo, entre os 13 e os 15 anos, ressaltando-se, assim, a importância da educação sexual para adolescentes, levando-se a informação aos jovens antes que comecem suas relações sexuais, para que possam se prevenir adequadamente, não só de uma gravidez precoce e indesejada, mas também de inúmeras infecções sexualmente transmissíveis as quais possam estar expostos.<sup>2</sup>

Nota-se, ainda hoje, grande dificuldade de muitas famílias em abordar o tema sexualidade, considerado tabu para a maioria delas. Pontua-se, assim, que muitos jovens não têm abertura para conversar com seus pais sobre essa temática, dificultando a aquisição de um conhecimento adequado e o esclarecimento de suas dúvidas. Supõe-se, na era da informação, que alguns busquem por esse conteúdo na internet, mas nem sempre obterão informações da maneira mais correta.

Sabe-se que uma gravidez indesejada e precoce na adolescência pode gerar não só vários riscos à saúde e à vida da mãe e do bebê, mas também dificuldades psicossociais, principalmente pelo fato de o jovem ter de adiar ou anular sonhos pessoais e profissionais. Ressalta-se a extrema

importância de ensinar os jovens a se prevenir, mas se considera também de igual relevância orientá-los sobre o que se deve fazer quando a prevenção falhar. Salienta-se que muitas pessoas desconhecem as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), denominação relativamente nova que veio substituir a anterior - Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), já utilizada há algum tempo pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e por outros organismos de saúde internacionais e atualizada no Brasil pelo Decreto do Ministério da Saúde nº 8.901/2016, por ser considerada mais adequada, uma vez que o termo "doença" implica sintomas e sinais visíveis no organismo e nem todos os indivíduos infectados possuem sintomatologia de patologia. Explica-se que algumas infecções, se não tratadas a tempo, podem evoluir, causando graves complicações, como infertilidade, câncer e até mesmo morte. Observa-se que muitas pessoas não sabem reconhecer quando são portadoras de IST justamente por não apresentar sintomas ou até mesmo ignorar a sintomatologia que eventualmente apresentam.<sup>3</sup>

## OBJETIVO

- Avaliar o nível de conhecimento de escolares sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, tipo pesquisa-ação, que se utiliza a técnica de avaliação de contexto, que permite definir e descrever o meio ambiente concernente a um fenômeno, diagnosticando problemas que impeçam o desenvolvimento de objetivos previamente determinados. Buscam-se frequência, característica, relação e associação entre variáveis, experiências, observações, eventos não usuais, programas e tratamentos. Inicia-se, assim, a busca por explicações para descrever, explorar, classificar e interpretar aspectos de fatos ou fenômenos.<sup>15</sup>

Avaliam-se indivíduos estudantes da Escola Municipal Mestra Maria Firmina, do município de São Fidélis, Rio de Janeiro, de 11 a 16 anos de idade, de ambos os sexos, devidamente autorizados por seus respectivos pais e/ou responsáveis para serem entrevistados, respondendo a um questionário formulado com perguntas estruturadas e participando de intervenções de Educação em Saúde. Aplicou-se o questionário em junho de 2018, para se conhecer e se avaliar o nível de conhecimento dos adolescentes sobre a temática em pauta, resultando na maneira pela qual ela seria abordada posteriormente com o grupo selecionado.

Enfatiza-se que a melhor forma de prevenção é o conhecimento, e não haveria melhor lugar que a escola para ser o espaço de intervenção, onde se pode ter contato direto com os escolares e concomitantemente estreitar o vínculo com suas famílias.

Percebe-se que é premente demonstrar a realidade atual do número crescente de adolescentes grávidas e adolescentes acometidos por ISTs no município de São Fidélis com dados concretos, os quais ajudarão na compreensão que o tema sexualidade exige do ponto de vista dos jovens, de suas famílias e da saúde pública. Acredita-se ser fundamental, apesar de continuar sofrendo censura nos dias de hoje, que se trate o tema como uma demanda de saúde pública e não como “subversão” dos jovens, como alguns entendem. Torna-se, contudo, imprescindível a implementação na escola, o mais breve possível, de projetos de Educação em Saúde que promovam o autocuidado, pois, perigosamente, este é um tema menosprezado e tido como banal e sabe-se que muitas pessoas não dominam minimamente o conteúdo abrangente das infecções, que geralmente são resumidas somente à infecção pelo HIV/Aids.

Primou-se, tendo em vista que esta pesquisa foi realizada com seres humanos em seu contexto social, profissional e educacional, por desenvolvê-la de acordo com as normas estabelecidas na Resolução 466/2012 CNS-CONEP. Consideram-se, dessa maneira, os princípios do respeito pela dignidade e autonomia, a confidencialidade, a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa como aspectos éticos fundamentais na condução dos trabalhos.

Realizaram-se, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer 1.776.408, a validação dos questionários e a seleção dos estudantes que atenderam aos critérios de inclusão para o desenvolvimento da pesquisa. Convidaram-se os pais dos alunos e/ou seus responsáveis participantes deste trabalho para reuniões, quando se explicaram, a eles, todos os procedimentos da pesquisa, incluindo-se os riscos e os benefícios oriundos da mesma, coletando-se suas assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a sua realização. Informou-se, na ocasião, a respeito do direito à desistência a qualquer momento das atividades sem prejuízo algum, bem como sobre a garantia da confidencialidade e da privacidade das ações.

Agendaram-se, a partir da autorização e da assinatura do TCLE pelos pais dos alunos e/ou seus responsáveis, encontros com os escolares para a apresentação da pesquisa e das ações a serem desenvolvidas e, a partir da concordância de participação dos mesmos, programaram-se

atividades com os pesquisados e a aplicação dos questionários.

Submeteram-se os alunos participantes ao questionário, que possui duas folhas. Solicitou-se, primeiramente, que informassem sua idade e sexo, preservando-se, assim, a sua identidade, e, posteriormente, apresentaram-se 13 perguntas, na modalidade “fechada”, para facilitar a objetividade da coleta de dados, sendo oito questões com somente uma possibilidade de resposta e cinco questões que apresentavam várias opções de respostas. Nota-se que a primeira questão teve o intuito de saber somente se o avaliado está ciente das mudanças que ocorrem no seu próprio corpo durante o período em que se encontra, a adolescência.

Percebe-se que as duas próximas questões buscaram saber se o escolar tem conhecimento de como se prevenir de uma gravidez e de quais seriam os métodos contraceptivos para essa prevenção. Na quarta questão, foi perguntado se o aluno compreende o que são ISTs. Indagou-se, posteriormente, sobre seu conhecimento a respeito de prevenção e imunização.

Determinou-se que a sétima questão visou saber por quais meios o adolescente busca informação sobre esses temas, se é pela internet, em conversas com amigos, com os pais ou na escola. Afirma-se que a oitava questão pediu para o estudante assinalar quais doenças apresentadas reconhecia como sendo ISTs. Destaca-se que nas próximas questões, foi perguntado se o escolar conhecia possíveis sintomatologias, e depois pedido que assinalasse quais sintomas mostrados julgariam ser de ISTs. Ressalta-se que a décima primeira questão solicitou que fosse assinalada a opção em que se encontrava a forma como acredita ser transmitidas as ISTs.

Reforça-se que a décima segunda questão buscou saber se o escolar tem conhecimento das agravantes presentes nas ISTs, e a última questão indagou se ele considera possível ou não estar contaminado por uma IST e não saber.

Empregou-se a análise estatística simples dos dados.

## RESULTADOS

Realizou-se o estudo com 153 indivíduos devidamente matriculados na E.M. Mestra Maria Firmina, no ano letivo de 2018, que participaram da entrevista, respondendo ao questionário, sendo 47,1% (n=72) do sexo feminino e 52,9% (n=81) do sexo masculino; quanto à faixa etária dos alunos, 53,6% (n=82) estavam entre 11 a 13 anos e 46,4% (n=71) entre 14 e 16 anos.

Aponta-se que, quando questionados sobre a ciência das mudanças em seus próprios corpos durante o período da adolescência, 3,3% responderam que não têm conhecimento, mesmo sendo fisicamente notáveis; em relação ao

conhecimento da prevenção de gravidez, 94,1% (n=144) dos discentes disseram saber, pelo menos, uma maneira de prevenir-se. Apresentam-se, na tabela 1, as informações sobre o questionamento a

respeito dos métodos contraceptivos, entre os quais a camisinha masculina aparece como sendo conhecida por 86,9% (n=133) dos entrevistados e a “pílula do dia seguinte”, por 80,4% (n=123).

Tabela 1. Conhecimento dos métodos contraceptivos dentre as opções fornecidas pela questão três do formulário de coleta de dados. São Fidélis (RJ), Brasil, 2018. (n=153)

Métodos contraceptivos conhecidos	Escolares (n)	%
Camisinha masculina	133	86,9%
Tabelinha	13	8,4%
Diafragma	13	8,4%
DIU	11	7,1%
Pílula anticoncepcional	111	72,5%
Camisinha feminina	91	59,4%
Billings	4	2,6%
Pílula do dia seguinte	123	80,4%
Não souberam opinar	6	3,9%

Aponta-se que, quando perguntados sobre o que são Infecções Sexualmente Transmissíveis, 15,7% (n=24) não souberam responder, dentre eles, 42% (n=10) eram do gênero masculino e 58% (n=14), do gênero feminino; em relação ao conhecimento do que fazer para se prevenir das ISTs, 22,9% (n=35) afirmaram não conhecer nenhum meio de prevenção e, sobre a possibilidade de se imunizar de alguma IST por meio de vacinação, 52,9% (n=81) disseram achar isso impossível. Levantou-

se, a respeito de com quem e onde procuram saber sobre relação sexual e prevenção, que somente 35,2% (54) responderam que dialogam com os pais sobre essa temática (Tabela 2), ressaltando-se a importância da implementação, na escola e na comunidade, de projetos e ações de Educação em Saúde, visando à prevenção de gravidez precoce indesejada e de contaminação por ISTs, envolvendo também as famílias dos alunos.

Tabela 2. Possíveis locais onde buscam informações e têm diálogo aberto sobre sexo, gravidez e ISTs dentre as opções fornecidas pela questão sete do formulário de coleta de dados. São Fidélis (RJ), Brasil, 2018. (n=153)

Locais em que buscam informações	Escolares (n)	%
Internet	59	38,5%
Conversa com amigos	73	47,7%
Com os pais	54	35,2%
Escola	76	49,6%
Não souberam opinar	10	6,5%

Encontram-se, na tabela 3, todas as ISTs conhecidas, que foram assinaladas dentre as dez opções de ISTs fornecidas, sendo que a primeira colocada da lista, com 87,6% (n=135), foi a Aids, e, na segunda posição, ficaram empatadas as

hepatites e a sífilis, ambas com 37,6% (n=58). Revela-se que a donovanose e a clamídia, juntas, chegam a 3% (n=1,8) do conhecimento dos escolares.

Tabela 3. Conhecimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis dentre as opções fornecidas pela questão oito do formulário de coleta de dados. São Fidélis (RJ), Brasil, 2018. (n=153)

ISTs	Escolares (n)	%
Sífilis	58	37,6%
HTLV	13	8,4%
Gonorreia	41	26,6%
Candidíase	30	19,4%
Hepatites	58	37,6%
Cancro mole	5	3,2%
Clamídia	1	0,6%
Herpes	49	31,8%
Donovanose	2	1,2%
Aids	135	87,6%
Tricomoníase	5	3,2%
Não souberam opinar	6	3,9%

Detalha-se que, ao serem indagados se possuíam conhecimento de alguns possíveis sintomas de ISTs, 61,4% (n=94) responderam que não e, ao ser solicitado que eles marcassem as

opções de quais sintomas julgavam ser de ISTs, 20,3% (n=31) não conseguiram opinar em nenhum sintoma, deixando as alternativas em branco. Mostram-se esses dados na tabela 4.

Tabela 4. Conhecimento dos possíveis sintomas de algumas ISTs dentre as opções fornecidas pela questão dez do formulário de coleta de dados. São Fidélis (RJ), Brasil, 2018. (n=153)

Alguns sintomas de ISTs	Escolares (n)	%
Corrimento	29	18,9%
Dor durante a relação sexual	54	35,3%
Coceira	49	32%
Odor	70	45,7%
Dor ao urinar	60	39,2%
Verrugas	30	19,6%
Feridas dentro da boca	56	36,6%
Não souberam opinar	31	20,3%

Verificou-se, quando perguntados quais seriam os meios prováveis de transmissão das infecções, dentre as opções dadas, que o sexo vaginal foi a principal resposta, marcada por 77,8% (n=119),

seguida da opção de compartilhamento de objetos pessoais 60,8% (n=93), que se atribuiu erroneamente à contaminação por HIV (Tabela 5).

Tabela 5. Conhecimento dos meios de transmissão das ISTs dentre as opções fornecidas pela questão onze do formulário de coleta de dados. São Fidélis (RJ), Brasil, 2018. (n=153)

Formas de transmissão das ISTs	Escolares (n)	%
Sexo vaginal	119	77,8%
Beijo na boca	83	54,2%
Sexo oral	88	57,5%
Durante a gravidez	64	41,8%
Sexo anal	85	55,5%
Compartilhando objetos pessoais	93	60,8%
Não souberam opinar	4	2,6%

Aponta-se, com relação à pergunta sobre se eles sabiam dos agravamentos das ISTs, caso não fossem tratadas, que 24,2% (n= 37) responderam que não os conheciam. Finalizou-se o questionário revelando que 41,9% (n=64) dos entrevistados declararam não achar possível estar com qualquer Infecção Sexualmente Transmissível sem ter o conhecimento desse fato.

Transferiram-se os alunos, para a realização das entrevistas, preferencialmente de forma individual, da sala de aula em que se encontravam para uma sala cedida pela Direção da escola, a fim de se assegurar a privacidade dos mesmos e facilitar o diálogo, de maneira que não ficassem constrangidos ou inibidos pela presença de um colega de turma. Deu-se, assim, a abordagem na entrevista de forma completamente livre, deixando-os à vontade para responder às perguntas feitas e também para que questionassem qualquer ponto. Detalha-se que, durante a entrevista, os alunos responderam entusiasmadamente a cada questão do formulário de coleta de dados e, ao surgirem dúvidas, perguntavam sem inibição. Acrescenta-se que alguns fizeram muitos relatos pessoais acerca de suas experiências de vida e sexuais, criando-se, assim, um vínculo de confiança entre entrevistadora e entrevistado.

Realizou-se, depois de encerradas as entrevistas, uma intervenção na escola, por meio de uma brincadeira intitulada “Gincana do

Conhecimento”, na qual se enfrentaram turmas das mesmas séries. Elaboraram-se sete perguntas, com duas alternativas cada uma, para cada momento da brincadeira; logo, as questões não se repetiram e o número delas foi ímpar para afastar a possibilidade de empate. Sucedeu-se a gincana da seguinte maneira: a pergunta era lida ao microfone, para as duas equipes, e as alternativas eram dadas; cada equipe escolheu um representante para assoprar uma bexiga e, ao sinal de “valendo”, os representantes começavam a assoprá-la; a bexiga que estourasse primeiro, pelo mecanismo de encher, dava o direito à resposta da pergunta que foi feita anteriormente e, nesse tempo de encher a bexiga, os grupos discutiam sobre a alternativa correta; caso a equipe escolhesse a alternativa errada, deveria pagar uma prenda (como dançar uma música, fazer polichinelos, corrida, entre outras). Receberam-se, após responderem à alternativa escolhida, os complementos de conteúdo para cada questão abordada. Premiaram-se as equipes vencedoras com uma cesta de chocolates e as equipes que não alcançaram a vitória ganharam bombons individuais.

## DISCUSSÃO

Pôde-se perceber, com este estudo, a precariedade do nível de informações que alunos da Escola Municipal Mestra Maria Firmina, de São Fidélis, possui sobre a temática da sexualidade e

confirma-se a necessidade imperiosa de um projeto de intervenção na escola para conscientizar os adolescentes sobre os riscos a que estão expostos ao assumir uma prática sexual sem um preparo adequado e sobre as consequências dessa prática. Considera-se, nesse contexto, que o profissional da Enfermagem se apresenta como instrumento primordial dessa intervenção, para fortalecer o trabalho de Educação em Saúde junto a adolescentes, buscando equidade em relação às práticas de saúde/Enfermagem, atentando para a importância dos fatores sociais e ambientais envolvidos no comprometimento da saúde, promovendo ações educativas de prevenção e orientação, visando a ajudar os escolares a lidar com a sexualidade com responsabilidade e a minimizar os agravamentos causados seja por uma gravidez precoce, seja por uma infecção adquirida sexualmente.<sup>6</sup>

Sabe-se que, quanto mais cedo os jovens iniciam suas práticas sexuais, maior é sua vulnerabilidade: a precocidade aumenta a probabilidade de elevar o número de parceiros sexuais e eles tendem a adquirir práticas de risco à sua saúde (e à saúde de seu parceiro ou seus parceiros sexuais). Tende-se, com isso, a ocorrência de ISTs também a aumentar na população adolescente. Acaba-se gerando, pela falta de conhecimento sobre riscos e prevenção, mais dificuldades para a gestão da saúde pública. Deve-se ter em mente que informação não é sinônimo de incentivo. Entende-se que isso precisa estar cada vez mais claro para as pessoas que continuam “marginalizando” a Educação em Saúde Sexual apenas por preconceito.<sup>7</sup>

Constata-se que o nível de desconhecimento dos jovens pesquisados, no que se refere à sexualidade, reflete o seu despreparo para iniciar a vida sexual de forma segura, e os resultados apontam isso nitidamente. Pode-se perceber, por exemplo, pelos dados contidos na tabela 1, o quão assustador é a quantidade de jovens que identificam a “pílula do dia seguinte” como o segundo método contraceptivo mais conhecido por eles, perdendo a primeira posição somente para a popular camisinha masculina. Sabe-se que esse método contraceptivo de emergência, indicado somente em casos específicos de falha de outros métodos contraceptivos de barreira, ou em casos de abuso sexual, vem sendo utilizado desenfreadamente pelas adolescentes. Vê-se que há completa falta de conhecimento dos efeitos colaterais e riscos causados pelo uso frequente da já famosa “pílula do dia seguinte”, que pode levar à infertilidade, pois ela apresenta uma alta concentração hormonal, que se torna prejudicial ao organismo quando ingerida sucessivamente, não podendo ser utilizada como um método contraceptivo convencional.<sup>4-14</sup>

Expõe-se que os alunos sem conhecimento do que são as ISTs representaram 15,7% (n=24) e,

dentre esses, 12,5% (n=3) estavam na faixa etária entre 11 e 13 anos e 87,5% (n=21), entre 14 e 16 anos de idade. Mostra-se, pela fala displicente de um deles, o nível de desconhecimento do assunto: “Sério, tia, nunca ouvi falar disso!” (A37). Percebe-se que, com as informações coletadas, mesmo a maioria dos escolares afirmando saber o que são ISTs, ficou evidente que os estudantes não possuem informações suficientes para manter o autocuidado e se prevenir adequadamente.

Considera-se a porcentagem dos escolares que declararam desconhecimento da vacina contra o HPV, por exemplo, 52,9% (n=81), um número alarmante, pois os mesmos já deveriam estar imunizados, já que se encontram acima da idade indicada para receber a vacina, o que faz reforçar a importância da imunização em massa. Preconizam-se, no calendário vacinal, duas doses da vacina para meninas de nove a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos. Deve-se, se o esquema de vacinação não foi iniciado aos nove anos, aplicar a vacina o mais precocemente possível.<sup>8-9</sup>

Enfatiza-se que, dos entrevistados, 41,9% (n=64) disseram que achavam impossível estar infectados com qualquer tipo de IST sem saber, e mais da metade dos adolescentes abordados responderam que desconheciam as sintomatologias das ISTs, mesmo tendo sido deixado bem claro que a maioria das infecções é assintomática em seu início, ou seja: negam simplesmente porque não acreditam que isso possa acontecer com eles, e a negação é um mecanismo de defesa do ego que leva o indivíduo a negar situações que podem gerar conflitos. Adverte-se que este é um dado que se deve observar e tratar com a atenção que ele merece, pois, como explica Freud, se sabe que a recusa inconsciente em perceber fatos perturbadores retira, dos indivíduos, a capacidade de lidar com desafios, dando lugar a uma percepção enganosa e perigosa de serem inatingíveis e indestrutíveis.<sup>7,12-7</sup>

Optou-se, quanto à intervenção na escola, por realizá-la de maneira interativa e divertida, em vez de se ministrar mais uma palestra de Educação em Saúde Sexual, o que certamente se tornaria maçante para os alunos, que tenderiam a não fixar sua atenção por muito tempo. Acredita-se que a gincana foi uma forma de garantir a participação de todos, e pôde-se perceber o quanto estavam aplicados para não perder nenhuma informação dada a cada fase da gincana. Formularam-se, como dito anteriormente, as perguntas e apresentaram-se as alternativas de respostas e, enquanto os integrantes escolhidos por cada grupo assopravam a bexiga, os grupos pensavam sobre a resposta. Complementava-se, após responderem, o conteúdo de cada alternativa e, enquanto isso era feito, a participação dos adolescentes continuava ativa, o que mostrou que os objetivos da intervenção foram alcançados.

Faz-se necessária, na comunidade estudada, a realização de um trabalho de proteção e promoção da saúde, assegurado pela Lei 8080/90, com a abertura das portas para o autocuidado, que é, de fato e de direito, uma questão social e coletiva e não só biológica ou individual. Acredita-se, por meio da disseminação do autocuidado, tendo o enfermeiro como principal agente, que a conscientização dos escolares e de suas famílias para a redução dos riscos de contágio por ISTs e de uma gravidez precoce possa permitir o alcance de uma melhor qualidade de vida de toda a população envolvida, escolar e comunitária.<sup>10-3</sup>

## CONCLUSÃO

Conclui-se que há uma carência quase total de informações entre os jovens participantes da pesquisa acerca das ISTs e dos riscos de uma gravidez na adolescência. Nota-se, apesar de um certo nível de conhecimento encontrado em parte dos escolares, uma grande pendência de informação que os torna vulneráveis para práticas sexuais. Ressalta-se, com isso, a importância do desenvolvimento de estudos de pesquisa-ação em Educação e Saúde nas unidades escolares da cidade, a fim de se estabelecer um conjunto de práticas orientadas para a proteção e a promoção da saúde desses adolescentes, tendo em vista a valorização do autocuidado.

Considera-se apropriado que o profissional atuar como principal agente seja o enfermeiro - o profissional do cuidado por excelência. Julga-se necessário diminuir a distância do profissional de saúde com a escola, estreitar os vínculos com os adolescentes e construir uma ponte com suas famílias, verificando suas reais necessidades, valorizando as questões por eles levantadas e aconselhando-os conforme suas instâncias e demandas, melhorando, assim, a qualidade de vida da população como um todo e criando uma cultura do autocuidado e de estilo de vida mais saudável.

Acredita-se que o enfermeiro tenha um papel de suma importância na implementação do Programa Saúde na Escola também no sentido de destruir preconceitos e censuras existentes no que diz respeito à educação sexual. Acrescenta-se que, em uma época em que se testemunha a afirmação da ditadura da imagem e do poder avassalador da publicidade sobre as pessoas, principalmente sobre os adolescentes, com seus apelos sedutores e irresistíveis nas novelas, nos filmes, nos cliques, nas redes sociais, com seus *digital influencers* prometendo “empoderar” todos, considera-se inadiável a implementação de ações voltadas para a educação sexual dos escolares como as citadas acima.

## REFERÊNCIAS

1. Gonçalves JP. Vital cycle: start, development and end of life possible - contributions for educators. Rev Contexto Educ [Internet]. 2016 Jan/Apr [cited 2019 June 15];31(98):79-110. DOI: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/5469>
2. Macedo SRH, Miranda FAN, Pessoa Júnior JM, Nóbrega VKM. Adolescence and sexuality: sexual scripts from the social representations. Rev Bras Enferm. 2013 Jan/Feb; 66(1):103-9. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000100016>
3. Ministério da Saúde (BR), Secretaria-Executiva, Subsecretaria de Assuntos Administrativos. Regimento Interno do Ministério da Saúde: Decreto n ° 8.901, de 10 de novembro de 2016 [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2017 [cited 2019 June 10]; Available form: [http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/regimento\\_interno\\_ministerio\\_saude.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/regimento_interno_ministerio_saude.pdf)
4. Almeida FB, Souza NMM, Barros GL, Almeida FB, Farias PAM, Cabral SAAO. Contraceptive use of Assessment Between Emergency University Students. REBES [Internet]. 2015 July/Sept;5(3):49-55 [cited 2019 June 17]; Available form: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/3720/3341>
5. Ministério da Saúde (BR). Programa Saúde na Escola [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2015 [cited 2019 May 20]; Available form: <http://www.saude.gov.br/acoes-e-programas/programa-saude-na-escola>
6. Krabbe EC, Brum MD, Capeletti CP, Costa TS, Mello ML, Vieira PR, et al. Escola, Sexualidade, Práticas Sexuais e Vulnerabilidades para as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). RevInt [Internet]. 2016 [cited 2019 May 28];4(1):75-84. Available from: [http://www.revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/eletronica/article/view/4387/pdf\\_73](http://www.revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/eletronica/article/view/4387/pdf_73).
7. Cortez EA, Silva LM. Research-action: promoting health education with adolescents on sexually transmissible infections. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2017 Sept [cited 2019 June 18];11(Suppl 9):3642-. Available from: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234495/27699>
8. Ministério da Saúde (BR), Sociedade Brasileira de Imunização. Calendário de Vacinação SBIm - Criança [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2019 [cited 2019 June 15]. Available from: <https://sbim.org.br/images/calendarios/calend-sbim-crianca.pdf>
9. Ministério da Educação (BR), Sociedade Brasileira de Imunização (SBIm). Calendário de Vacinação SBIm-Adolescente [Internet]. 2019 [cited 2019 June 15]. Available from <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/index>

<https://sbim.org.br/images/calendarios/calend-sbim-crianca.pdf>

10. Queirós PJP, Vidinha TSS, Almeida Filho AJ. Self-care: Orem's theoretical contribution to the Nursing discipline and profession. Referência. 2014 Nov/Dec; 04(3):157-64 DOI:

<http://dx.doi.org/10.12707/RIV14081>

11. Eisenstein, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. Adolesc Saúde [Internet]. 2005 Apr/June [cited 2019 June 29]; 2(2):6-7. Available from: [http://adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167)

12. Volpi JH. Mecanismos de defesa: artigo do curso de Especialização em Psicologia Corporal [Internet]. Curitiba: Centro Reichiano; 2008 [cited 2019 Aug 25]; Available from: <http://centroreichiano.com.br/artigos/Artigos/Mecanismos%20de%20Defesa.pdf>

13. Lei nº 8.080/90, de 19 de setembro de 1990 (BR). Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União [Internet]. 1990 Sept 19 [cited 2019 June 26]. Available from: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8080.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8080.htm)

14. Madureira L, Mareques IR, Jardim DP. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. Cogitare Enferm [Internet]. 2010 Jan/Mar [cited 2019 June 29];15(1):100-5. Available from: <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648970019.pdf>

15. Stufflebeam DL. The Metaevaluation Imperative. AJE. 2001; 22:183. DOI: [10.1177/109821400102200204](https://doi.org/10.1177/109821400102200204)

16. Workowski KA. Centers for Disease Control and Prevention Sexually Transmitted Diseases Treatment Guidelines. *Clin Infect Dis*. 2015 Dec; 61 (Suppl 8):S759-6. DOI: [10.1093/cid/civ771](https://doi.org/10.1093/cid/civ771)

17. Unemo M, Bradshaw CS, Hocking JS, Vries HJC, Francis SC, Mabey D. Sexually transmitted infections: challenges ahead. *Lancet Infect Dis*. 2017 Aug; 17(8):e235-79. DOI: [10.1016/S1473-3099\(17\)30310-9](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(17)30310-9)

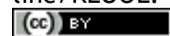
#### Correspondência

Marcela Estevão Brasil  
E-mail: [brasil.m@hotmail.com](mailto:brasil.m@hotmail.com)

Submissão: 12/08/2019

Aceito: 12/11/2019

Copyright© 2019 Revista de Enfermagem UFPE on line/REUOL.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Atribuição CC BY 4.0 [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a qual permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/index>